



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

JOÃO GABRIEL ARAUJO PIMENTA

SUBJETIVIDADE, PSICOTERAPIA E RELAÇÕES CONJUGAIS: DESAFIOS
ATUAIS E FUTUROS DA TERAPIA DE CASAIS EM UM CONTEXTO
DE PANDEMIA

BRASÍLIA

2022



JOÃO GABRIEL ARAUJO PIMENTA

**SUBJETIVIDADE, PSICOTERAPIA E RELAÇÕES CONJUGAIS: DESAFIOS
ATUAIS E FUTUROS DA TERAPIA DE CASAIS EM UM CONTEXTO DE
PANDEMIA**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Valéria Deusdará Mori

BRASÍLIA

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e namorada por possibilitar mais uma experiência de crescimento pessoal e profissional.

Agradeço à minha orientadora, Valéria Deusdará Mori, pelo acompanhamento da minha pesquisa, o que permitiu com que eu avançasse na compreensão do estudo proposto e tivesse a experiência de participar de um projeto de iniciação científica em minha graduação.

Agradeço, ainda, às agências de fomento e às instituições de ensino pela oportunidade, em especial, o CEUB.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao colega de PIC, Daniel Moura, pela relação que desenvolvemos nessa experiência e pela presença recíproca nos momentos de maiores dificuldades, quando da execução deste trabalho. O começo de uma amizade para além da graduação.

RESUMO

Levando em consideração términos de relacionamentos e separações, o objetivo deste trabalho foi compreender de que maneira o momento pandêmico vivido em decorrência da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) impactou as relações conjugais e como essa situação foi trabalhada pelo psicólogo no espaço psicoterapêutico. Considerou-se nesse estudo o referencial teórico da Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa, de Fernando González Rey. Os processos metodológicos desta pesquisa seguiram o método construtivo-interpretativo, sendo utilizada a dinâmica conversacional como instrumento. Os resultados e a conclusão apontam para a ideia de que apesar de todos os desafios quanto à problemática das relações conjugais durante a pandemia, esse momento não provocou grandes mudanças no que diz respeito ao olhar do psicólogo quando do atendimento de casais no contexto psicoterapêutico. Apesar das dificuldades pelo momento vivido, a concepção inicial de que a pandemia havia sido algo ruim para os casamentos na verdade se apresentou como uma oportunidade para os casais de reconfigurar o casamento. Sob o ponto de vista do psicoterapeuta e não do casal, nada mudou, pois com pandemia ou sem ela, os problemas na relação e a forma de trabalhar com as demandas dos casais seguiram inalteradas, ainda que uma maior emocionalidade nos desentendimentos e na convivência tenha sido relatada pelos casais. É válido citar, ainda, outra reflexão que este trabalho permitiu, inclusive para debates futuros sobre o tema - a importância do amadurecimento da relação e dos indivíduos que a constituem, pois é a partir desse amadurecimento e de um diálogo franco e constante que a saúde de um casamento pode ser restaurada e mantida.

Palavras-chave: subjetividade; psicoterapia; relações conjugais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	3
3. MÉTODO	11
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23

1. INTRODUÇÃO

As relações conjugais têm passado por grandes transformações quanto às suas concepções ao longo da história, principalmente no mundo pós-moderno. A configuração atual para as relações conjugais é marcada por uma forte tendência à liberdade dos indivíduos. A ideia de o início de uma “união para toda vida” parece algo cada vez mais distante de acontecer, pois as relações são caracterizadas pela fluidez dos tempos atuais, em que a dinamicidade da vida moderna não possibilita uma estabilidade total em qualquer parte da vida, sobretudo nas relações conjugais.

Um fator também preponderante para essa mudança da configuração conjugal se dá pela expressiva mudança quanto aos papéis sociais, especialmente no caso das mulheres, que ao longo das últimas décadas avançaram muito na busca pela igualdade de direitos em relação ao homem, ainda que atualmente a desigualdade continue presente em nossa sociedade.

Um aspecto marcante dessa mudança de papéis se dá a partir do momento em que a mulher tem a possibilidade de acesso a espaços públicos, e não somente mais o espaço privado de seu lar, no qual sua única função era a de cuidar da casa e da família, além de ter que estar sempre presente para a satisfação sexual de seu marido.

Portanto, a mulher da pós-modernidade vem cada vez mais conquistando seu espaço de direito no meio social, conquista essa que inevitavelmente provoca mudanças profundas em uma estrutura social marcada historicamente pelo patriarcalismo. Essa mudança de paradigma tem consequências significativas não só para a vida em sociedade como também para as relações conjugais, foco de pesquisa deste trabalho.

O que se observa nos dias atuais é uma certa crise de identidades dessas relações, pois o homem sente que progressivamente vem perdendo sua autoridade dentro do lar, principalmente por conta da ascensão das mulheres dentro do mercado de trabalho. Outro fator relevante para essa crise é a questão da heterogeneidade, aspecto marcante das relações atuais e que coloca os relacionamentos entre os indivíduos em constante tensão, por conta da pouca estabilidade na dinâmica conjugal.

Assim sendo, é preciso que não se feche os olhos para essas significativas mudanças da vida a dois, sobretudo nesse momento singular da história em que vivemos uma pandemia que tem mudado profundamente o modo como nos relacionamos com os outros e tornado visível aspectos ocultos que já estavam presentes nas relações.

A teoria da subjetividade pode ajudar na condução deste estudo justamente por ser uma teoria que rompe com a ideia de que o estudo dos processos humanos passa somente pela subjetividade individual do indivíduo, quando na verdade a subjetividade social tem a mesma importância para a pesquisa. Outro valor é o fato de que é uma teoria que não considera apenas o atual, mas sim o atual em relação com o histórico, o que possibilita, por exemplo, a análise das mudanças do papel da mulher na sociedade.

Portanto, é necessário se pensar: quais as consequências dessas transformações para a vida conjugal e como lidar com todas essas demandas trazidas pelos casais para o espaço psicoterapêutico?

A pertinência do desenvolvimento desse estudo se dá, sobretudo, pelo momento atual pelo qual estamos passando, em que a pandemia provocada pelo novo coronavírus (COVID-19) tem dificultado a dinâmica na vida e na relação de muitos casais, inclusive com um significativo aumento repentino no número de separações.

Segundo dados do Colégio Notarial do Brasil - Conselho Federal (CNB/CF), “o número de divórcios realizados em cartórios no Brasil foi o maior da história no segundo semestre de 2020, quando foram contabilizados 43,8 mil processos” (Lacerda, 2021, s/p).

Outro aspecto é a necessidade de se investigar como essa mudança na configuração dos casamentos chegará para o manejo do psicoterapeuta no espaço dialógico/compartilhado possibilitado pela prática da psicoterapia.

A ideia é que esse estudo possa contribuir não só em relação às novas perspectivas e desafios do campo da psicoterapia de casais, mas também para a sociedade de um modo geral. É preciso que, enquanto psicólogos e profissionais da saúde, estejamos preparados para tratar o sofrimento humano em qualquer espaço de atuação.

Muitos casais terão, ou já estão tendo, seus vínculos afetivos/familiares rompidos durante esse momento difícil da história, em que convivemos com o medo da morte e da perda daqueles que amamos, seja pelo falecimento ou pelo próprio divórcio, por exemplo.

Logo, este trabalho teve como objetivo geral investigar o processo de subjetivação dos casais nesse momento de isolamento social provocado pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Em relação aos objetivos específicos, este trabalho buscou compreender os desafios atuais e futuros que os psicoterapeutas terão pela frente na terapia de casais e, também, entender/refletir sobre os possíveis desafios da conjugalidade durante e após a pandemia.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A categoria subjetividade é definida por González Rey (1997, 2005, 2017) como um sistema configuracional complexo e que é produzido de forma simultânea nos níveis social e individual, organizando-se histórica e culturalmente ao longo da vida da pessoa e de seu meio social em uma expressão simbólico-emocional. “A subjetividade não tem causas externas, ela expressa produções diante das situações vividas” (González Rey & Martínez, 2017, p. 51).

A teoria da subjetividade não elege e não trabalha com nenhum princípio ou conceito universais, pois aquele que escolhe se orientar por essa teoria tem um olhar voltado para a produção qualitativamente diferenciada de cada ser humano (González Rey & Martínez, 2017).

Uma das grandes contribuições trazidas por esse autor diz respeito a consideração do social como parte importante da constituição da subjetividade individual de todo ser humano, pois a constituição do sujeito passa a ser entendida não mais a partir de um único sistema individual, mas sim de um elo formado com o social, entendido como o espaço compartilhado de convivência da pessoa com outros indivíduos. Ademais, as produções subjetivas expressam “processos diferenciados, sempre singulares, seja em nível social ou individual” (González Rey & Martínez, 2017, p. 65).

Na teoria, essa consideração do social se dá por meio do conceito da subjetividade social, que pode ser considerada um “sistema integral de configurações subjetivas, sociais e

individuais que se articulam em diferentes níveis da vida social” (González Rey & Martínez, 2017, p. 78). A subjetividade social tem sua organização justamente por meio dessas configurações, sendo sua construção tão complexa quanto a construção de configurações subjetivas individuais.

Para o estudo da subjetividade social, leva-se em consideração os mesmos recursos utilizados no estudo das configurações subjetivas individuais que, segundo González Rey & Martínez, são importantes no estudo da subjetividade social, pois cada indivíduo “expressa processos da sociedade em que vive por meio de seus próprios sentidos subjetivos gerados pela configuração subjetiva individual de suas experiências de vida” (González Rey & Martínez, 2017, p. 81).

Ademais, a subjetividade social não pode ser considerada um suprassistema que atua de maneira direta e determinante sobre o indivíduo, dada sua subjetividade individual. Na realidade, o que acontece é que a subjetividade social exerce sua influência nos espaços sociais que o indivíduo ocupa e, também, quando esse mesmo indivíduo entra em contato com os processos constituintes desses respectivos espaços.

Outra contribuição relevante é a consideração e um olhar voltado não somente mais para o momento atual, ou seja, o contexto em que o sujeito está inserido, mas também para a dimensão histórica que determinada cultura abarca. A cultura é outro ponto central para a análise de qualquer situação nessa teoria, pois a partir dela conseguimos apreender significados culturalmente estabelecidos e compartilhados em uma sociedade. Os costumes são um exemplo disso.

Levando todos esses aspectos em consideração, conseguimos avançar na análise e em um olhar diferenciado para qualquer tipo de fenômeno, assim como para os variados processos humanos.

Conceito também relevante para essa teoria é o de configuração subjetiva, que pode ser entendida como “aquela que abarca a diversidade e complexidade dos cenários sociais da vida do indivíduo por meio de sentidos subjetivos, destacando - se seu caráter não racional” (Afonso, 2020, p. 18).

A configuração subjetiva permite identificar uma produção dominante de sentidos subjetivos que não aparece explícita nem na queixa da pessoa, nem em sua rotina de ações,

pois é um tecido simbólico-emocional complexo que aparece indiretamente nas expressões da pessoa e que está na base do tipo de emoções que prejudicam os sistemas somático-funcionais da pessoa (González Rey, 2011, p. 37).

O casamento, por exemplo, pode ser considerado uma configuração subjetiva. Para entender como essa configuração se expressa é necessário compreender a subjetividade social do casamento e a subjetividade individual dos indivíduos que dele fazem parte. E é aqui que surge mais uma categoria importante dessa teoria: os sentidos subjetivos.

Os sentidos subjetivos emergem no curso da experiência, definindo o que a pessoa sente e gera nesse processo, definindo a natureza subjetiva das experiências humanas. Esse novo tipo de processo emerge na vida social culturalmente organizada, permitindo a integração do passado e do futuro como qualidade inseparável da produção subjetiva atual (González Rey & Martínez, 2017, p. 63).

Os sentidos subjetivos “são unidades que estabelecem articulação entre pensamentos, emoções e ações, ou seja, acompanham o caráter dinâmico e vivo das experiências humanas” (Afonso, 2020, p. 17).

Os sentidos subjetivos são emocionais e simbólicos. Eles se caracterizam pelo caráter emocional que o indivíduo imprime ao viver determinada situação, que tem um sentido também simbólico para a pessoa, pois a mesma se utiliza de recursos para representar de maneira singular o vivido.

Faz-se necessário pontuar que não cabe julgar se os sentidos subjetivos são bons ou ruins, pois na verdade eles “representam precisamente uma dimensão do sentir que não se circunscreve ao acontecimento vivido, pois tem uma presença consistente na organização subjetiva dos indivíduos” (González Rey & Martínez, 2017, p. 63).

Portanto, a contribuição que essa teoria nos possibilita para avançar no entendimento do que é o casamento tem demasiada relevância, principalmente no contexto atual das relações conjugais na pandemia, pois para entender o que é viver uma relação conjugal no momento atual é necessário que a análise leve em conta também o contexto histórico e cultural dos indivíduos.

Segundo Afonso (2020), o papel do psicoterapeuta no trabalho com casais passa por compreender como cada uma das partes da relação sentem e representam os processos de suas vidas. O objetivo é que o psicoterapeuta consiga perceber como um dos cônjuges subjetiva o outro e vice-versa.

É necessário que o psicoterapeuta avalie, também, o nível de diálogo existente entre os cônjuges, pois a ausência dele enfraquece o vínculo do casal e não possibilita pensar caminhos de intervenção para restabelecer o equilíbrio da relação.

Logicamente, a relação dialógica também se faz muito importante no contexto da psicoterapia, ou seja, nas trocas de ideias entre paciente e seu psicoterapeuta. Um ambiente em que o diálogo é incentivado e acontece efetivamente, possibilita que o sujeito avance para um outro nível em suas reflexões, o que permite a produção de novos sentidos subjetivos.

O diálogo é ferramenta para que o psicoterapeuta possa refletir sobre os processos que se desenvolvem na psicoterapia, pois é através dele que ele pode desenvolver estratégias nesse percurso. A qualidade do diálogo é fundamental para que o psicoterapeuta possa levantar hipóteses e também provocar, a partir dos seus posicionamentos, reflexões da pessoa em psicoterapia (Mori & Goulart, 2019, p. 6).

Retomando a discussão sobre as configurações subjetivas, vale ressaltar que elas não se caracterizam enquanto totalidades e não estão restritas a um determinado momento de vida do indivíduo ou de seu grupo. Na realidade, essas configurações podem ser entendidas enquanto sistemas que se movimentam e que são fluidos. E é aqui que a teoria da subjetividade apresenta mais uma categoria importante a ser estudada: a questão do sujeito e do agente.

O sujeito e agente propostos nessa teoria não estão presos a uma condição subjetiva primeira, além disso, estão fortemente relacionados ao contexto histórico em questão e em permanente movimento. “Trata-se de um indivíduo ou grupo com capacidade de se posicionar, de gerar, com seus posicionamentos, processos que estão para além de seu controle e de sua consciência” (González Rey & Martínez, 2017, p. 72).

Esse posicionamento gera para o indivíduo ou para o grupo uma nova fonte para produção de sentidos subjetivos, o que resulta na abertura de novos processos de subjetivação. Como bem expressam os autores, trata-se daquele indivíduo “configurado

subjetivamente, que gera sentidos subjetivos para além de suas representações, mas que, ao mesmo tempo, toma decisões" (González Rey & Martínez, 2017, p. 72).

Começando pelo sujeito, deve-se ter em mente que o indivíduo não está "preso" a sua subjetividade, pois o processo de tornar-se sujeito apresenta possibilidades para aquele indivíduo que, a partir de um processo ativo de tomada de decisão sobre os rumos de sua vida, entra em contato com uma nova fonte geradora de sentidos subjetivos - o que possibilita uma reconfiguração das configurações subjetivas e uma nova forma de enxergar e vivenciar determinada experiência.

"O conceito de sujeito representa aquele que abre uma via própria de subjetivação, que transcende o espaço social normativo dentro do qual suas experiências acontecem, exercendo opções criativas no decorrer delas, que podem ou não se expressar na ação" (González Rey & Martínez, 2017, p. 73). Também é sujeito aquele que "é capaz de transcender suas próprias cristalizações subjetivas, as quais são um processo inerente à própria subjetividade" (González Rey & Martínez, 2017, p. 75).

Importante ressaltar que esse processo ativo de tomada de decisão do indivíduo não é algo simples de ser feito, podendo gerar, inclusive, ainda mais sofrimento, mas é essa postura ativa do sujeito que abrirá novos caminhos e possibilidades de subjetivação para resolução do problema vivido e para o desenvolvimento do indivíduo.

No caso do agente, tem-se o indivíduo ou grupo social que, por mais que não sejam capazes de abrirem novos processos de subjetivação, também são ativos e tomam decisões em um determinado momento vivido.

Após o entendimento do que é a proposta da teoria da subjetividade e de suas categorias, voltemos o foco para as relações conjugais no contexto da psicoterapia.

Segundo Dantas, Féres-Carneiro, Machado & Magalhães (2019), a conjugalidade diz respeito a uma identidade compartilhada entre o casal, em que há um "encontro" de subjetividades - a subjetividade individual de cada um, sendo necessário considerar também o aspecto familiar de cada um dos indivíduos da relação, ou seja, a origem dos cônjuges.

Além disso, os autores pontuam que a formatação da conjugalidade de um casal, construída ao longo do tempo, passa necessariamente por uma "continuidade geracional",

em que modelos parentais e conjugais da família de origem de cada um dos cônjuges são transmitidos e modificados na respectiva relação constituída por determinado casal.

Pensar subjetividade dentro do casamento é levar em consideração configurações subjetivas individuais e sociais, ou seja, por mais que haja uma concepção cultural do que seja um casamento - a configuração subjetiva social, deve-se entender que a conjugalidade de um casal também passa por um entendimento do que são as configurações subjetivas individuais de cada um dos cônjuges. Ademais, “a configuração da subjetividade social do casamento tem desdobramentos nos processos individuais, não como um efeito direto, mas pela forma como as pessoas produzem em relação a isso” (Afonso, 2020, p. 25).

Segundo Afonso (2020), a construção de um casamento saudável passa, necessariamente, pela criação de um espaço comum ao casal, que propicie a interação entre eles e, também, possibilite a formação de uma identidade conjugal. Este apontamento que faz a autora é importante para que se reflita sobre a atualidade, em que temos uma sociedade marcada cada vez mais pelo egoísmo e preocupada com planejamentos individuais, o que vai na contramão do que se discute aqui sobre valores e ideias que estão por trás de uma vida conjunta e compartilhada.

Esse egoísmo acaba por dificultar a qualidade da relação de um casal, pois faz com que não se tenha flexibilidade de ambas as partes para que, por exemplo, reserve-se um tempo para um diálogo saudável para a manutenção da boa relação e resolução de problemas, planejamento e inserção de atividades conjuntas na rotina do casal, entre outras ações que busquem o alinhamento das expectativas individuais de ambas as partes dentro da relação e o equilíbrio disto para o bem estar do casamento.

Afonso (2020) traz um importante relato sobre seus atendimentos e que enriquece a discussão aqui proposta quando afirma que:

Observo, no processo psicoterapêutico, uma supervalorização da dificuldade dos casais em mudar velhos hábitos advindos de suas famílias de origem. Em suas configurações subjetivas dominantes, acreditam que a rotina estabelecida é parte normal de qualquer casamento. Buscando no outro apenas um olhar de compadecimento pelo sofrimento e estresse presente no dia a dia de uma relação naturalizada e, conseqüentemente, alternando

entre eles um posicionamento passivo referente às suas próprias indagações e demandas excessivas (Afonso, 2020, p. 26).

Vale ressaltar neste relato alguns pontos. O primeiro é sobre o que já foi comentado em relação a influência das famílias de origem de cada um dos cônjuges para o que eles constroem e mantêm enquanto relação.

Outro ponto, também já comentado, é a questão das configurações subjetivas dominantes, que podem acabar atrapalhando o relacionamento se o casal não assumir uma postura ativa e reflexiva diante dos conflitos gerados dentro da relação.

O terceiro aspecto a se pensar, a partir deste relato, é a questão da naturalização da relação, em que a dificuldade em se ter um posicionamento crítico nos momentos de conflito acaba por colocar a vida do casal e a saúde do relacionamento em “xeque”, pois se perde a capacidade de pensar sobre a relação e a oportunidade de construir novos caminhos que permitam uma reconfiguração do matrimônio.

Afonso (2020) nos faz pensar sobre a configuração subjetiva social do casamento e até que ponto não há, na verdade, uma “romantização do casamento”. É necessário entender que a ideia que temos sobre o que seja um casamento foi e vem sendo construída ao longo do tempo, não há uma concepção única e imutável. “A construção do casamento é carregada por crenças, mitos e narrativas construídas ao longo da história da humanidade” (Afonso, 2020, p.26).

A terapeuta, também, cita a questão do amadurecimento da relação como um dos grandes desafios na vida de um casal, sendo o terapeuta responsável por criar condições e estimular o casal a refletir sobre essa necessidade.

Há um desafio sobre como os indivíduos envolvidos no casamento, organizados em diferentes configurações subjetivas individuais, podem avançar e amadurecer no processo da relação. Abrindo novos caminhos subjetivos e desenvolvendo recursos, ou seja, produzindo simbólica e emocionalmente outro caminho subjetivo na busca de alternativas que promovam saúde e bem estar para a conjugalidade (Afonso, 2020, p. 27).

Esse amadurecimento da relação aproxima o casal do diálogo, fazendo com que ambos tenham uma postura diferente diante dos problemas vividos dentro da relação, o que fortalece o vínculo conjugal e possibilita o desenvolvimento subjetivo dos cônjuges.

Segundo Afonso (2020), uma das dificuldades que o terapeuta de casais enfrenta, e que tem haver com o amadurecimento da relação, é a de ter que lidar com casais que buscam um profissional que apresente soluções rápidas para a resolução dos conflitos do casal, o que nos faz pensar em uma cultura imediatista e consumista quando, na verdade, pensar relacionamentos amorosos é pensar em individualidades, relações complexas, profundas e com uma história construída pelos indivíduos da relação que deve sempre ser colocada em perspectiva.

Esse é outro reflexo de uma configuração subjetiva dominante a respeito da representação do psicoterapeuta ao longo da história da psicologia, como aquele que possui conselhos educadores, soluções preditivas e técnicas, em que a conduta, infelizmente, de alguns desses profissionais, reforça ainda mais a incapacidade das pessoas de pensarem de forma crítica sobre suas vidas (Afonso, 2020, p. 28).

Pensar a cultura atual é importante para a análise e o manejo que o psicoterapeuta terá com os casais os quais atende. O profissional deve atentar-se para valores defendidos na contemporaneidade, como a liberdade, e no egoísmo que se faz presente nas relações enquanto barreiras a serem trabalhadas para o relacionamento saudável do casal.

Refletir sobre relações amorosas na atualidade é desafiador, pois como bem explica a psicoterapeuta de casais Helena Abdalla:

Relacionamentos demandam tempo, enfrentamento, diálogo e contradições que dizem respeito à uma jornada de vida, uma longa trajetória. Planejar-se, envolver-se, empenhar-se, têm se tornado uma ideia aversiva, pois remete a uma sensação de perda de tantas outras relações satisfatórias e prazerosas por uma, apenas uma, que demanda muito esforço, criatividade, empenho e, acima de tudo, tempo (Afonso, 2020, p. 29).

Portanto, é necessário que o terapeuta de casais esteja atento a vários aspectos ao atender determinado casal, pois deve pensar na individualidade de cada um dos cônjuges, na cultura, no diálogo e comprometimento dos pares para com a relação, além de outros importantes elementos citados ao longo deste texto.

3. MÉTODO

Nessa pesquisa, utilizou-se o método construtivo interpretativo proposto por González Rey (2005, 2017) que se fundamenta na epistemologia qualitativa. A pesquisa qualitativa caracteriza-se como uma contínua construção do pesquisador de uma produção teórica. Segundo Afonso (2020), é a elaboração de um modelo teórico que expressa as ideias e construções do pesquisador. A epistemologia qualitativa se pauta em três pressupostos que serão descritos logo abaixo.

Um dos pressupostos da Epistemologia Qualitativa diz respeito ao reconhecimento e ao valor que é dado à singularidade. Entende-se a singularidade a partir da especificidade e peculiaridade de cada caso e que toma forma e tem seu significado estabelecido em razão da elaboração do modelo teórico pelo pesquisador.

Um segundo pressuposto é o caráter construtivo-interpretativo, que coloca o conhecimento enquanto uma produção do pesquisador engajado em seu estudo, desconsiderando acessos a realidade de maneira pré-concebida e linear, evitando assim uma simples reprodução de saberes. Rompe-se a dicotomia teórico-prática. Aqui, a produção científica do pesquisador é possibilitada pela relação dialógica que ele estabelece com o objeto de estudo em questão.

O terceiro pressuposto é justamente a comunicação dialógica. González Rey diz que o diálogo é a “via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo como as diversas condições objetivas da vida social afetam o homem” (González Rey, 2005, p. 13).

É a partir da dinâmica conversacional que o pesquisador consegue acessar as informações que procura. Vale ressaltar que esse diálogo não está livre de contradições e são, justamente, essas contradições que fazem o processo avançar. O pesquisador deve tensionar o sujeito para que ele alcance um nível de reflexão diferenciado e assim consiga estabelecer novos sentidos subjetivos.

Participou dessa pesquisa uma psicóloga clínica que atua no atendimento a casais. Após a definição e escolha da profissional, buscou-se contato com a mesma a fim verificar a

disponibilidade e o desejo em colaborar com a execução deste trabalho. O contato com a psicoterapeuta, via aplicativo WhatsApp, foi positivo e um encontro foi marcado posteriormente, o que contribuiu significativamente para a compreensão do problema de pesquisa e o desenvolvimento do estudo.

O instrumento escolhido para a produção desta pesquisa é o da dinâmica conversacional, que consiste em um diálogo entre pesquisador e participante, que possibilita um processo relacional dinâmico. Essa dinâmica não se dá a partir da mera reprodução de perguntas formuladas a priori pelo pesquisador, mas sim orientada pelo diálogo e com foco nos objetivos de pesquisa.

De acordo com González Rey, essa dinâmica “é um processo cujo objetivo é conduzir a pessoa estudada a campos significativos de sua experiência pessoal, os quais são capazes de envolvê-la no sentido subjetivo dos diferentes espaços delimitadores de sua subjetividade individual” (González Rey, 2005, p. 126).

Seguindo o método proposto por González Rey (2005), a análise e a construção das informações terão como foco a busca por indicadores, os quais irão permitir o levantamento de hipóteses para possíveis articulações em modelos teóricos.

Os indicadores são as suspeitas iniciais que o pesquisador encontra em sua pesquisa. Caso esses indicadores se mostrem fidedignos para o pesquisador, ele terá, então, condição de avançar em sua reflexão sobre o caso, chegando assim à construção de suas hipóteses.

As hipóteses ainda não permitem uma certeza para o pesquisador, entretanto já são construções um pouco mais sólidas/maduras e que possibilitam articulações com os modelos teóricos estabelecidos durante a pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da dinâmica conversacional realizada, trechos de informação dessa dinâmica com as falas da psicóloga “H” em resposta ou no curso do diálogo com o pesquisador “P” foram selecionados para análise, o que possibilitou os seguintes resultados e discussão abaixo:

P - Sobre o atendimento dos casais, você enxerga diferenças no atendimento antes da pandemia para agora?

H - “Sobre o processo psicoterapêutico, eu enquanto psicoterapeuta, continuei obviamente lidando com os meus pacientes casados da mesma maneira, trabalhando com os desafios do casamento, independente da pandemia ou não, pois, pra mim, eu não vi diferença em relação a ter desafios para trabalhar, porque com pandemia e sem pandemia existem desafios dentro de uma relação conjugal. Então o meu olhar continuou basicamente o mesmo. Eu não acho que houve uma mudança (radical) na minha forma de interagir e de olhar os pacientes por causa da pandemia. Eu não acho que isso aconteceu, até porque a pandemia, apesar de ter intensificado em algumas situações, foi apenas mais um motivo para conflitos, mais uma coisa para o casal estar resolvendo, mas os conflitos eles existem desde sempre, desde da criação do casamento.”

Em um dos primeiros momentos do diálogo, “H” já nos fornece algumas informações importantes e que começam a responder questionamentos que motivaram essa pesquisa. Ao afirmar que o processo terapêutico seguiu da mesma forma, entendemos que, ainda que a pandemia tenha propiciado momentos de maior intensidade nos conflitos dos casais em relação às questões da vida conjugal, nenhuma mudança significativa e que chamasse atenção ocorreu, de fato, em relação ao atendimento de casais sob o ponto de vista do terapeuta, nos atendimentos da psicóloga em sua clínica.

H cita, ainda, que até mesmo questões delicadas (ex: relações extraconjugais, violência verbal e física) que chegaram na clínica durante esse período pandêmico não foram demandas novas, pois são situações que “H” já atendia antes da pandemia, no espaço psicoterapêutico.

H - “Eu não vi diferença de desafios a ter que trabalhar - desafios na relação conjugal, independente de pandemia, desafios que devem ser encarados, vivenciados e enfrentados. Eu costumo olhar muito para a forma como esse casal dialoga, se olha, se enfrentam, a

frontalidade existente entre o casal de poder ter a liberdade de dizer o que eles pensam, falar o que eles sentem.”

Nesse trecho “H” complementa a fala anterior sobre não enxergar diferenças no seu atendimento com casais na pandemia, comentando também um aspecto importante dentro de um relacionamento, para a saúde da relação: o posicionamento do casal diante dos processos da conjugalidade. É necessário que dentro da relação haja esse posicionamento, seja em um enfrentamento mais direto, em que um problema precisa ser resolvido, seja em um diálogo.

Esse trecho nos remete a categoria Sujeito desenvolvida por González Rey e abordada neste trabalho, pois podemos pensar nesse posicionamento enquanto uma possibilidade de abertura de uma via própria de subjetivação pelos indivíduos da relação, em que essa via possibilita uma posição criativa do casal nos impasses da relação e abre possibilidades para geração de novos sentidos subjetivos para o relacionamento, o que permite ao casal experimentar a relação de outra forma e até mesmo reconfigurá-la, se for o caso.

P - E para os casais, qual o impacto da pandemia você percebeu, a partir dos relatos e demandas que recebeu?

H - “Para o casamento, para os indivíduos da relação, a pandemia foi um fator que mudou muito a forma deles pensarem, deles se enfrentarem, deles se comunicarem, deles olharem para coisas que antes passavam despercebidas, coisas que eles nem queriam olhar e fugiam, porque tinham trabalho, filhos, tinham outras atividades, coisas que eles “não tinham que lidar” e que passaram a lidar por causa do simples motivo, né, de ter que estar dentro de casa. Então realmente para o casal foi uma mudança abrupta, algo radical, a pandemia.”

Aqui é possível visualizar com clareza o lugar da pandemia sob o ponto de vista do psicoterapeuta e sob o ponto de vista do casal. “H” reafirma sua posição de que o processo

psicoterapêutico dos casais não sofreu grandes mudanças com a pandemia; mas, já para os casais, a pandemia foi um momento importante, pois mesmo que eles não quisessem, tiveram que se a ver com questões da relação, já que estavam dividindo o mesmo ambiente de forma constante, devido ao isolamento provocado pela Covid-19.

Pode-se pensar, então, uma mudança na configuração subjetiva do casamento, ou seja, a mudança na dinâmica das relações conjugais, mudança essa concentrada muito na questão da convivência e partilha do lar com uma maior intensidade já que o casal, em virtude da pandemia, teve que adaptar toda sua rotina em casa. Em relação a psicoterapia de casais, a dinâmica seguiu basicamente a mesma, sob o ponto de vista da psicóloga participante da pesquisa.

H - “Estou falando da posição do psicoterapeuta. Do ponto de vista do casal (paciente) aí vejo que a pandemia realmente interferiu muito e que causou vários conflitos para o casal que eram “inexistentes” que, na verdade, já existiam, mas que eles não viam, que eles não queriam ver.”

Esse outro trecho complementa bem essa questão do que representou a pandemia para um lado (casais) e o que não representou para o outro (psicoterapeuta). A partir dessa fala, podemos pensar também na possibilidade de conflitos velados, quando "H" comenta sobre a inexistência deles, em relação a uma posição dos indivíduos da relação de não querer olhar para isso.

Aqui é possível, mais uma vez, pensar a categoria Sujeito desenvolvida por González Rey e, também, a mudança na configuração subjetiva do casamento, categorias teóricas desenvolvidas pelo teórico que permitem pensar os conflitos conjugais e as alternativas para a resolução destes.

Na pandemia, o casal teve que, inevitavelmente, olhar para as questões da relação e assumir um posicionamento diferente diante dessas questões e na resolução dos conflitos, que se tornaram mais frequentes em função do isolamento social e da mudança na dinâmica da vida conjugal.

Este ponto reforça o que “H” já havia comentado sobre a importância desse momento pandêmico no sentido de que foi algo que fez com que os indivíduos se implicassem mais em suas respectivas relações, pois não tiveram escolha senão dar solução para as possíveis barreiras e desafios da vida conjugal nesse período.

P - Pensando na psicologia e na psicoterapia, o que podemos prospectar para o futuro, pensando nessa pandemia e nas relações conjugais, nos casamentos?

H - “Acho que vai fazer muita diferença. Penso que, daqui um tempo, muitos casais, aqueles que quiserem, pois nosso desenvolvimento acontece de forma intencional - é uma busca - , o nosso amadurecimento não vem pelo acúmulo de experiência, ele vem quando a gente busca por ele, tanto que a gente vê homens e mulheres de 50, 60, 70 anos e que são infantilizados emocionalmente e que tem uma forma de enxergar a vida que é muito imatura, porque simplesmente eles foram deixando a vida passar sem fazer uma análise crítica dos processos da vida.”

Mais uma fala de “H” que nos possibilita pensar como esse momento de isolamento propiciou a oportunidade de um reposicionamento crítico e criativo dos indivíduos da relação e a reconfiguração de uma vida a dois. Contudo, “H” faz importante ressalva quando cita a intencionalidade necessária para que o desenvolvimento aconteça, ou seja, só acontecerá para aqueles casais que assim o fizerem.

O desenvolvimento, de fato, tem como característica essa intencionalidade citada por “H”, o que podemos observar naqueles casais que buscaram nesse período, por exemplo, a terapia de casais, utilizando-se desse recurso para abertura de novas possibilidades no casamento com a possibilidade de produção de novos sentidos subjetivos dentro da relação e uma posição diferenciada frente aos conflitos vivenciados nesse período.

H - “A gente meio que foi obrigado a encarar a pandemia e ter que olhar pra isso de alguma forma, para as repercussões e os desdobramentos disso, mas para aqueles casais que quiserem continuar tendo esse olhar, que quiserem perceber quantas coisas boas eles podem ter aprendido com tudo isso, eu acho que futuramente isso pode trazer uma calma, digamos assim, para os relacionamentos. Acho que para os casais que quiserem a pandemia pode sim ter gerado muitos bons frutos nesse sentido, né, de fazer o casal perceber e querer conhecer um ao outro, de querer estar e saber como é desfrutar mais do tempo um com o outro, administrar e gerenciar mais as emoções, conduzir a comunicação de uma outra forma.”

Aqui “H” reforça ainda mais a mudança de visão que essa pesquisa nos possibilitou pensar, pois se inicialmente a expectativa era a de que a pandemia tivesse apenas tido sido algo negativo para os casamentos, com a produção deste trabalho e a conversa com a terapeuta de casais, isso não se sustentou.

Na realidade, fica clara a oportunidade que os casais tiveram para se reconectarem durante esse período, ou seja, mesmo diante de um momento demasiado crítico, em que muitos casais se separaram, também tiveram aqueles casais que, ao buscarem o desenvolvimento de suas relações, se aproveitaram desse tempo pandêmico para, digamos assim, “corrigir a rota” do casamento e se reconectarem.

Tornou-se possível nesse período, para esses casais que buscaram enfrentar com frontalidade os dramas vividos dentro do casamento, a produção de novos sentidos subjetivos dentro da relação e, como já dito anteriormente também, sua reconfiguração - com a abertura de novas vias de subjetivação por parte dos cônjuges entre si e na manutenção da vida conjugal.

H - “As pessoas passaram a se respeitar mais, olhar com mais empatia pra vida do outro. Entender um pouco do dia a dia do cônjuge, o que eles vivem, os sentimentos que existem dentro deles e que a gente não olha porque eles não estão ali 24 horas. As pessoas tiveram que lidar com isso da melhor forma possível para sustentar o casamento. Foi um período de muito crescimento e amadurecimento. Acho que esse é um dos frutos que a gente

vai perceber lá pra frente - um amadurecimento das pessoas como indivíduo, nas relações interpessoais, de olhar pro outro com mais empatia, compaixão e cuidado, de se colocar mesmo no lugar do outro; isso a pandemia trouxe de uma forma geral e acho que tem um impacto muito grande nas relações conjugais. Amadurecimento é pra quem quer e quem busca.”

Importante pensar nessa empatia citada por “H” enquanto um momento anterior a um processo subsequente muito importante para as relações conjugais: a maturidade. Um relacionamento saudável é ao mesmo tempo um relacionamento maduro, em que os casais são, de fato, Sujeitos em sua respectiva união. Esse é um dos principais resultados deste estudo, o desenvolvimento de uma maturidade conjugal.

Como cita H, a empatia nesse momento foi necessária para a manutenção do casamento. Estar com o parceiro(a) diariamente, ao longo de todo o dia, foi algo desafiador para os casais, pois eles tiveram que lidar com a completude um do outro.

Vale ressaltar, ainda, o amadurecimento enquanto algo que demanda interesse por parte do casal. É quando o casal dialoga sobre suas questões, buscando novas possibilidades dentro da relação; quando assumem um posicionamento diferente frente aos possíveis conflitos que possam existir no relacionamento.

Esse é o caminho para uma relação madura, o casal que não se furta do diálogo e de encarar os processos da relação com frontalidade e franqueza.

H - “Quando eu falo que eles tiveram que exercer esse movimento de se colocar no lugar do outro é exatamente isso - conseguir abraçar e acolher esse outro que surgiu e veio cheio de emoções e sensações que eram desconhecidas. Então esse momento foi bem difícil né, de poder olhar e pensar “nossa, nunca tinha visto meu marido se manifestar dessa forma”, “nunca tinha visto minha esposa sentir isso”, “nunca tinha visto essa manifestação de angústia, raiva e medo” “o que é isso”? Acontecimentos que você não reparou ou aconteceu em momentos que eles não estavam juntos - no trabalho, fora de casa, e a pandemia obrigou eles a terem que passar por isso.”

Os casais tiveram que lidar com momentos de grande emocionalidade e dar conta de problemas que estavam, de certa forma, velados até então e que os parceiros, ao invés de buscarem solucionar a situação dialogando com o cônjuge, deixavam em segundo plano essa crise e davam vazão em outros ambientes, como no caso aqui citado por H - no trabalho com os colegas. O que dá ideia de como esses casais não conseguiam ser Sujeito em suas próprias relações, apenas fora delas.

Com a pandemia, inevitavelmente, os casais tiveram que lidar com essas questões do relacionamento, buscando soluções - seja em uma separação ou estabelecendo uma nova configuração para relação com novos acordos estabelecidos pelo casal. Aqui a importância do psicoterapeuta nesse trabalho junto ao casal, buscando soluções e alternativas frente aos impasses do casamento.

H - “Os problemas já existiam possivelmente, estavam ali debaixo do tapete. Por isso eu digo, não há nada de novo acontecendo, sempre aconteceram os mesmo problemas e as mesmas questões. Talvez de uma forma mais intensa, talvez isso tenha sido evidenciado de uma forma mais clara, as pessoas tiveram mais clareza, os próprios indivíduos da relação começaram a enxergar tudo isso como algo mais palpável e concreto “caramba isso existe mesmo”. As coisas começaram a ficar mais evidentes aos olhos dos indivíduos da relação, mas aos olhos do psicoterapeuta essas coisas sempre existiram.”

Aqui fica bem demarcada a divergência na posição do psicoterapeuta e dos respectivos casais atendidos. Ou seja, por mais que determinado casal relatasse um aumento de conflitos conjugais durante a pandemia, na verdade eles já existiam e apenas foram agora “vistos”.

Quando “H” cita a intensificação desses conflitos, abre-se uma possibilidade para se pensar sobre até que ponto essa intensificação e os momentos de emocionalidade anteriormente comentados não foram, na verdade, os responsáveis por “dar luz” a esses conflitos e ter feito com que os casais assumissem e tivessem um posicionamento diferente

diante dos processos da relação, abrindo uma via própria para produção de novos sentidos subjetivos e reconfigurando, assim, o casamento.

H - “O que acontecia antes da pandemia é que era mais fácil de não se resolver, de fugir, porque o sair de casa, eu passar muito tempo fora de casa já é de alguma forma uma esquiva né? Uma fuga. Então aí eles (casais) não tinham pra onde ir, então eles tiveram que ficar ali pensando, matutando, ruminando sobre o problema que tinham que resolver, encarar e falar. Então a válvula de escape que era o trabalho, a academia, a conversa com as amigas não existe mais. Eu vou escapar isso aonde? Dentro de casa.”

Mais um trecho sobre como a pandemia foi palco para conflitos e a resolução deles. Não tendo mais a válvula de escape de outros contextos, os casais foram obrigados a dar conta disso na intimidade de seus lares, seja resolvendo o conflito e mantendo o casamento, ou então optando pelo caminho do divórcio ou, ainda, “dando um tempo” na relação.

No caso daqueles casais que, a partir de uma reflexão pessoal e um diálogo diferenciado, resolveram suas questões - nota-se um amadurecimento individual e conjugal e a possibilidade de vivenciar um novo momento dentro do relacionamento.

H - “Por isso eu reafirmo - os assuntos, as brigas e os desafios são os mesmos, só que com olhar diferente dos próprios indivíduos da relação. O que pode até ter facilitado e impactado no empenho deles na psicoterapia, deles observarem e realmente acreditarem que precisam de ajuda e buscarem por isso. A pandemia fez com que muitos casais procurassem ajuda.”

Nesse trecho, “H” finaliza reafirmando questões importantes, principalmente sobre o lugar do Sujeito na relação. Um indivíduo disposto a enfrentar os desafios do casamento com um olhar diferente, que não se furta da procura por ajuda profissional e se posiciona de maneira consistente e engajada em seu processo psicoterápico com a(o) cônjuge.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de planejamento e produção desta pesquisa, definitivamente, não foi algo de fácil condução, mas chego ao fim deste momento em minha trajetória acadêmica com uma sensação de realização, apesar da ambivalência com, também, uma não realização. Poderia e conseguiria ter feito mais, caso estivesse melhor preparado para vivenciar essa experiência. Fosse um ano atrás, com o entendimento que tenho hoje, certamente a produção teria maior robustez. Bom, tentei.

Contudo, acredito que com o que foi produzido e o resultado final possibilite reflexões iniciais sobre o viver uma relação conjugal durante e após a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), a partir do olhar de um psicoterapeuta de casais e as repercussões disso para a atuação dos profissionais em um o contexto clínico.

Sem dúvidas, a pandemia foi e tem sido desafiadora em muitos sentidos para todos nós. Para os casais foi algo ainda mais intenso, especialmente para aqueles com já alguns anos de união e filhos. Dinâmicas familiares complexas. Talvez seja por esse caminho de raciocínio que este trabalho teve seu principal resultado e ponto de partida para várias discussões futuras sobre o tema.

Apesar das dificuldades, a concepção inicial de que a pandemia teria sido algo ruim para os casamentos, ou seja, uma valoração negativa desse momento, na verdade se apresentou como uma oportunidade para os casais de reconfigurar o casamento. Claro, para aqueles casais que buscaram enfrentar isso juntos, um dos pontos importantes de reflexão deste trabalho - a intencionalidade do desenvolvimento.

A ideia é a de que, sob o ponto de vista do psicoterapeuta, nada mudou, pois com pandemia ou sem ela, os problemas na relação e a forma de trabalhar com as demandas dos casais seguiram inalteradas, ainda que uma maior emocionalidade na convivência e nos desentendimentos tenha sido relatada pelos casais.

Importante citar, ainda, outra reflexão que este trabalho permitiu, inclusive para debates futuros sobre o tema, a importância do amadurecimento da relação e dos indivíduos

que a constituem, pois é a partir desse amadurecimento e de um diálogo franco e constante que a saúde de um casamento pode ser restaurada e mantida.

Portanto, essa pesquisa alcançou, em parte, os objetivos inicialmente definidos. De maneira geral, foi possível compreender os processos de subjetivação dos casais e, especificamente, refletir sobre desafios atuais e futuros que os psicoterapeutas de casais terão pela frente e, ainda, os desafios de uma vida conjugal durante e após a pandemia.

Em relação às limitações neste estudo, tem-se clareza de que, como já dito anteriormente, este trabalho apresenta resultados e discussão iniciais, sendo necessário em uma continuação futura um maior apanhado teórico e uma maior quantidade de idas a campo tendo contato com outros participantes, a fim de investigar mais de perto o problema de pesquisa e alcançar resultados mais significativos para o desenvolvimento do estudo.

REFERÊNCIAS

Afonso, H. A. (2020). Teoria da subjetividade: um caminho para a compreensão da conjugalidade e de seus processos individuais e sociais expressados na psicoterapia (Dissertação de Mestrado). Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF.

Dantas, Cristina Ribeiro Teixeira et al. Repercussões da Parentalidade na Conjugalidade do Casal Recasado: Revelações das Madrastas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2019, v. 35, e3545.

Diniz Neto, Orestes, & Féres-Carneiro, Terezinha. (2005). Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(2), 133-141.

González Rey, F. (1997) *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: EDUC.

González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Thomson.

González Rey, F. L. (2011). *Subjetividade e Saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo: Cortez.

González Rey, F., & Martínez, A. M. (2017). *Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método*. Campinas: Alínea.

Lacerda, N. (2021). Brasil tem número recorde de divórcios no segundo semestre de 2020. Retirado de <https://www.brasildefato.com.br/2021/01/22/brasil-tem-numero-recorde-de-divorcios-no-segundo-semester-de-2020>

Mori, V. D., & Goulart, D. M. (2019). Subject and subjectivity within psychotherapy: a case study. In F. González Rey, A. M. Martinez , & D. M. Goulart, *Subjectivity within cultural-historical approach: theory, methodology and research* (pp. 231-244). Singapore: Springer.